

Nova geração de mulheres está tomando as rédeas de suas vidas

Analista de tendências reflete sobre relação de moda e feminismo



Montagem de fotografias de sufragistas militantes no início do século 20 - National Portrait Gallery London/Reprodução

23.abr.2018 às 2h00

 EDIÇÃO IMPRESSA ([//www1.folha.com.br/fsp/fac-simile/2018/04/23/](https://www1.folha.com.br/fsp/fac-simile/2018/04/23/))

Iza Dezon

SÃO PAULO Aos 12 anos, uma professora me pediu para escrever sobre o assunto do início do século 20 que mais me interessava. Escrevendo sobre a vitória das sufragistas, nos EUA e na Inglaterra, em 1920 e em 1928, me descobri feminista.

Antes de mergulharmos de cabeça neste papo, é importante esclarecer que feminismo significa “a teoria política, econômica e social da equidade dos sexos” de acordo com o dicionário Merriam Webster.

Uma das questões complicadas hoje é que as mídias e as marcas se apropriam do feminismo de tal forma que o tema começa a soar repetitivo.

Raramente encaram o assunto de forma analítica. Não é dada a devida profundidade e seriedade ao assunto para que possamos imaginar um futuro melhor para todos. Assim, a causa se torna banal.

Como pesquisadora de tendências, meu trabalho é estar atenta. Foi graças a isso que, em 2013, descobri a escritora Chimamanda Adichie. Foi como se um véu caísse, revelando aquilo que sempre acreditei: devemos ser feministas para criar um futuro melhor.

Adichie se refere ao que eu chamo de feminismo feminino. Logo, ele não existe em forma de um combate ou inveja do masculino, mas como seu real complemento.

A (r)evolução de identidade que vivemos promove a pluralidade e transcende códigos e normas previamente estabelecidos (ou inventados), em prol da autorrealização.

Mas ninguém mais aguenta a palavra empoderamento! Por isso, falo do pluri-empoderamento.

Explicando brevemente: entre os maiores desafios das mulheres está a impossibilidade de se enquadrar no modelo da “supermulher” que consegue ser tudo: inteligente, bem-sucedida, independente, sexy, boa mãe, dona de casa competente, parceira companheira, amiga querida, festeira e sempre impecável. Socorro!

Graças às deusas, uma nova geração de mulheres, que não se enxerga mais como minoria vulnerável, está tomando as rédeas de sua própria vida. O verdadeiro significado de poder mora na escolha.

A pluralidade está no fato de que a mulher empoderada é aquela livre para tomar suas próprias decisões, um direito que deveria ser universal.

A manifestação de uma feminilidade que questiona os clichês sociais vem se tornando uma nova inspiração. Rejeitando estigmas, o Feminismo 4G busca definir seu destino, reivindicar liberdade e usufruir do poder feminino.

No encontro entre poder e pluralidade, as causas individuais tornam-se coletivas, diante das ameaças aos direitos das mulheres. É importante proteger a dignidade de cada uma, livres dos estereótipos, com uma visão panorâmica do significado de identidade.

Finalizo convidando todos a se questionarem: qual é a sua definição de empoderamento?

A NEW GENERATION OF WOMEN IS TAKING CHARGE OF THEIR LIVES

by Iza Dezon, PeclersParis

“The trend forecaster reflects on the relationship between fashion and feminism”

When I was 12 years old, a teacher asked me to write an essay about the subject that interested me the most in the 20th century. Writing about the victory of the suffragettes in the United States and in England, in 1920 and in 1928, I found out I was a feminist.

Before we dive into this conversation, it is important to clarify that feminism means, according to Merriam Webster Dictionary, “the theory of the political, economic, and social equality of genders”.

Today, one of the most complicated issues is that medias and brands appropriate themselves of feminism, in such a manner, that the subject is beginning to sound repetitive.

Rarely approaching the subject in an analytical manner. The proper depth and gravity is not given to the matter in order for us to imagine a better future for all. Thus, the cause becomes banal.

As a trend forecaster, my job is to pay attention. It was thanks to this skill that in 2013, I discovered the author Chimamanda Adichie. It was as if a veil had fallen, revealing something that I had always believed in: that we must all be feminist to create a better future.

Adichie refers to what I call feminine feminism. Alas, it does not exist in a form of combat or envy of the masculine, but as a real complement.

The (r)evolution of identity we are living in promotes plurality and transcends previously established (or invented) codes and norms, leading the way to self-fulfillment.

But nobody can stand the word empowerment any longer! Therefore, I'd rather speak of pluri-empowerment.

Brief explanation: amongst women's major challenges, lies the impossibility of abiding by the “superwoman” model, the kind of woman that supposedly has it all: intelligence, professional success, independence, sexiness, is a good mother, a competent house keeper, a great partner, a beloved friend, becomes a party girl come Saturday night, all this while looking impeccable. Mayday!

Thanks to the goddesses, a new generation of women, who do not see themselves as a vulnerable minority, is taking charge of their own lives. The real meaning of power resides in choice.

Plurality is in the fact that the empowered woman is free to make her own decisions; which should be a universal right.

The manifestation of a femininity that questions the social clichés is becoming a new inspiration. Rejecting stigmas, the Feminism 4G is looking to define their own destiny, revendicate their freedom and make the best of their feminine power.

At the crossroads between power and plurality, individual causes become collective when faced with the threats to women's rights. It is important to protect the dignity of each women, free from stereotypes, with wider view of the meaning of identity.

I conclude this article inviting all of you to question yourselves: what is your definition of empowerment?